

“ELE É MEU FILHO”: SOBRE O SIGNIFICADO DAS AVES

Andrea DAPRA*

Catarina CASANOVA**

RESUMO: Os outros animais estão presentes na vida dos seres humanos assumindo vários papéis e significados pelo menos desde o Paleolítico: trabalho, alimentação, companhia, poder, estatuto social. À semelhança de outros países europeus, a presença de ‘animais de companhia’ nas casas das famílias portuguesas tem vindo a crescer, sendo que eram já mais de 7 milhões de espécimes em 2018. Embora não tão numerosas como os gatos ou os cães, as aves são comuns. Este trabalho constitui-se como o primeiro contributo para o conhecimento da relação entre seres humanos e ‘aves de companhia’ (*psitacídeos*) na região de Lisboa. Explorámos significados e impactos da presença das aves no quotidiano dos inquiridos. Para tal, utilizámos questionários, entrevistas e observação e recorreremos ainda à etnografia digital. O bem-estar físico e mental das aves é uma preocupação dos guardiões para os quais estas assumem o papel de ‘filhos’ ou ‘membros da família’.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia multi-espécie. Bem-estar. Animais de companhia.

Introdução

Os outros animais sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos, pelo menos desde o Paleolítico, altura em que surgem representações dos mesmos, fruto das primeiras observações etológicas levadas a cabo pelos nossos ancestrais e das quais as gravuras de Altamira ou Lascaux são exemplos paradigmáticos.

* ISCSP-ULisboa. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa – Portugal. 1300-663 - dapra.andrea234@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-5009-4568>.

** UC – University of Coimbra. Research Centre for Anthropology and Health. Department of Life Sciences. Coimbra – Portugal. 3000-456 - ccasanova@iscsp.ulisboa.pt. <https://orcid.org/0000-0003-2123-0262>.

Nesta viagem evolutiva partilhada e de interdependência entre seres humanos e animais não humanos (ANH), estes últimos têm incorporado diferentes funções e papéis: animais de trabalho, alimentação, vestuário, arte, “animais de companhia” (AC), símbolos de poder e estatuto social como parte da história coletiva da humanidade e constituindo-se como exemplos simbólicos ou de “outros” significantes (LEACH, 1964; LÉVY-STRAUSS, 1966). Os ANH podem ter-se constituído como os primeiros “outros”, estando na origem da alteridade que posteriormente se estendeu aos outros humanos diferentes do “nós”.

Historicamente, a relação entre a antropologia e os ANH está repleta de tensões e paradoxos (HARAWAY, 2013; CASANOVA, 2016) mas já é tempo de internalizar a relação da nossa espécie com as restantes com maior responsabilidade e menos preconceitos, relação que deve ser baseada em companheirismo e benefícios mútuos, respeito e coexistência (HARAWAY, 2013; SIDDIQ; HABIB, 2016). Enquanto os antropólogos biológicos (ou físicos) têm uma longa tradição no estudo de ANH, por exemplo os primatas não humanos (CASANOVA, 2006, 2016), é apenas com a emergência dos chamados *Animal Studies* que os antropólogos culturais (e os sociólogos) consideram a agência animal, a socialidade, a cultura e outras comparações ontológicas com os ANH.

Estas tensões e paradoxos entre a antropologia e os ANH não são surpreendentes à luz do passado colonial da disciplina: sempre houve uma ‘exotização’ antropológica dos ANH nas culturas ocidentais que implicou a construção e evocação de fronteiras ambíguas entre seres humanos e ‘animais’, como se estes não fossem animais. Para alguns, os ANH continuam a constituir-se como os últimos ‘outros’ da antropologia (CASANOVA, 2016). Tal também não é surpreendente à luz da evolução da própria antropologia enquanto disciplina científica, num milieu claramente marcado pelo paradigma judaico-cristão. Contudo, nem todos os antropólogos culturais ignoraram as relações entre os seres humanos e os ANH: o histórico trabalho de Lewis Henry Morgan (*The American Beaver and His Work*, 1868) é um exemplo citado por Kirksey e Helmreich (2010) como estando na génese da etnografia multi-espécie. Evans-Pritchard (1996 [1940]) analisou a importância dos ANH quando atribuiu ao gado um papel central na vida dos Nuer. Leach (1964) analisou os ANH e as plantas enquanto repositórios de poder totémico e até de ordem estrutural, tal como também foi o caso de Lévi-Strauss (1966). Geertz (1973) estudou a relação sexual presente nos ANH e Berkes (2008) analisou o conhecimento etno-ecológico. Na verdade, os arqueólogos já demonstraram que as fronteiras entre os seres humanos e os ANH são menos claras do que as dicotomias apresentadas em muitos contextos contemporâneos característicos das ditas sociedades ocidentais (INGOLD, 1994). Antropólogos como

Haraway (1993) mostraram que as representações dos ANH bem como as construções da animalidade revelam complexos coloniais, de gênero e até categorias de diferenciação étnica.

A etnografia multi-espécie implica que a pesquisa etnográfica se concentre no surgimento de uma mudança de ser com agência. As relações de vários organismos (plantas, seres humanos e ANH) com ênfase particular nos seres humanos que daí emergem têm sido abordadas nesta área (ODGEN; HALL; TANITA, 2013). Tal representa uma profunda mudança epistemológica nas ciências sociais e humanas. Estes etnógrafos contribuem assim, teoricamente, para reconceptualizar o que significa ser humano (ODGEN; HALL; TANITA, 2013). O regresso dos ANH e dos AC às ciências sociais também levou os antropólogos e os restantes cientistas sociais de volta à etnografia clássica (SMART, 2014). A importância de aproximações e abordagens materialistas é enfatizada quando exploramos novas perspectivas que se abrem nas intervenções contemporâneas da etnografia multi-espécie. Se os ANH e os AC são vistos como seres ativos, a definição de Latour (2008) – para tudo o que faz diferença na rede de campos de interação – é essencial e será necessário admitir que aquilo que o ser humano não entende têm um impacto neste.

Outras aproximações vieram acompanhar a emergência dos já referidos *Animal Studies*. Tal é o caso da antropozoologia, que pode ser vista como o estudo crítico da multidimensionalidade de formas como os seres humanos se relacionam com os restantes animais (SIDDIQ; HABIB, 2016).

A mudança de mentalidades (SIDDIQ; HABIB, 2016) que permitiu o emergir dos *Animal Studies* nasceu de algo mais profundo: o fim do paradigma do excepcionalismo humano (CASANOVA, 2016), acompanhado por uma valorização da restante natureza e de toda a biodiversidade nela contida. Passou a ser dada uma maior atenção académica e científica aos ANH e à forma como estes se relacionam com os seres humanos. Desde o século passado que a investigação científica tem mostrado que outros animais também possuem emoções, consciência e inteligência, com níveis diversificados. Nos últimos 100 anos as perceções, relações e funções dos ANH mudaram drasticamente (SIDDIQ; HABIB, 2016).

Na contemporaneidade, a atenção dada à relação entre os seres humanos e os ANH desafia as definições tradicionais de divisão do trabalho intelectual entre as humanidades, as ciências sociais e as ciências naturais (SMART, 2014). A relação entre os seres humanos e os ANH depende sobretudo de contextos sociais, seja o religioso (CASANOVA; SOUSA; COSTA, 2014), o da classe social (GRAY; YOUNG, 2011) ou a cultura (SIDDIQ; HABIB 2016).

A intimidade entre espécies que partilham ecossistemas domésticos revela que a relação entre os ANH e os seres humanos se assemelha, em muitos aspetos, às relações estabelecidas entre os próprios humanos (KNIGHT, 2005). Os AC, por exemplo, são valorizados como parte integrante da família (GOVINDRAJAN, 2005; SHIR-VERTESH, 2014) e as relações com eles estabelecidas são afetuosas e quase “personificadoras” (SERPELL, 1989). Há também um crescimento das preocupações com a saúde e o bem-estar de cada espécie, onde cada AC passou a ter um estatuto social e a ser reconhecido por aproximadamente 90% dos seus guardiões como membro de pleno direito da família (AMIOT; BASTIAN, 2015).

O termo *pet* tem as suas raízes no francês *petit* e era e é utilizado de forma afetuosamente aos ANH mantidos para companhia dos seres humanos (GRIER, 2006). Alguns profissionais e académicos da área dos *Animal Studies* usam o termo ‘animal de companhia’ para acentuar o laço psicológico existente entre ambas as partes envolvidas (WALSH, 2009). O AC não tem uma função específica num lar, a não ser a companhia, prazer e entretenimento. Também por este motivo é recetor de investimento emocional, económico (ANDERSON, 2003), atenção e cuidado, já que depende dos ‘guardiões’ humanos (AMIOT; BASTIAN, 2015)¹.

As relações afiliativas que os seres humanos estabelecem com os ANH são particularmente importantes uma vez que providenciam suporte na vida e na rede de relações entre indivíduos, implicando cooperação e reciprocidade. Tal resulta no bem-estar de ambas as partes com uma regularização do ritmo cardíaco, exibição de menores níveis de stress e até um nível mais baixo de cortisol (e.g. SERPELL, 1989, 1991, 2019). As relações entre os seres humanos e os ANH podem reproduzir as categorias hegemónicas da sociedade ou desafiá-las, questionando barreiras entre espécies (INGOLD, 1994; SHIR-VERTESH, 2014).

À medida que as fronteiras entre ‘família’ e ‘não família’ (ou entre espécies) se vão diluindo, a família está em constante mutação (GOVINDRAJAN, 2005; SHIR-VERTESH, 2014; SIDDIQ; HABIB, 2016). Os AC podem ser vistos como pessoas de estatuto flexível ou mercadorias emocionais e são membros da família amados e queridos, semelhantes a crianças pequenas (KNIGHT, 2005; SHIR-VERTESH, 2014). Podem ainda complementar ou enriquecer as relações dos indivíduos com terceiros, contribuindo para a socialização através da facilitação social e integração na comunidade. Os AC podem também substituir as relações humanas (SERPELL, 1989, 2019). Na verdade, as pessoas estão dispostas a enfrentar dificuldades e perigos para

¹ O termo ‘guardião’ (ao invés de ‘dono’ ou ‘tutor’) é cada vez mais utilizado academicamente para referir uma pessoa que tenha um AC à sua responsabilidade e cuidado (WALSH, 2009).

proteger os AC durante crises como é o caso dos desastres naturais (BRACKENRIDGE *et al.*, 2002).

À semelhança de outros países europeus, em Portugal o número dos AC tem vindo a crescer sendo que atualmente já são mais de 7 milhões. A presença crescente de AC nas famílias portuguesas acompanha a tendência europeia e mundial. Por exemplo, em 2018 a população de gatos (*Felis catus domesticus*) a viverem com famílias humanas era já de mais de 75 milhões, sendo a espécie mais frequente na Europa entre os vários AC, seguida do cão (*Canis lupus familiaris*), com mais de 65 milhões².

Embora não tão numerosas como os gatos ou os cães, as aves são AC relativamente comuns. Atualmente lideram o comércio ilegal de espécies em Portugal (NEVES, 2020). Em 2018 o número de pequenas aves na Europa era já de mais de 50 milhões. Os psitacídeos³, os canários e outras aves surgem numericamente depois dos cães e gatos (ANDERSON, 2014). No entanto, apesar da sua popularidade, poucos são os estudos sobre aves, sobretudo do ponto de vista antropológico (ANDERSON, 2014). Tal lacuna poderá ser parcialmente explicada pelo facto de os seres humanos terem maior dificuldade em se relacionar com ANH que não sejam mamíferos (ANDERSON, 2003).

As aves exóticas começaram por ser animais eminentemente decorativos (ANDERSON, 2003) para passarem a ser vistos cada vez mais como AC, amigos ou até membros da família – constituindo-se como uma dimensão significativa do nosso quotidiano (ANDERSON, 2003, 2014).

Tal como os restantes AC, as aves adaptam o seu modo de vida aos dos guardiões (e vice-versa), inclusive a sua linguagem corporal, pois embora os AC não usem a nossa linguagem, comunicam connosco numa miríade de formas (WALSH, 2009) permitindo um entendimento mútuo. No caso dos psitacídeos, muitos imitam sons e até lhes atribuem significados (PEPPERBERG, 2006).

Este trabalho pretende ser um contributo, ainda que modesto, para o conhecimento da relação entre seres humanos e aves de companhia na região metropolitana de Lisboa. Trata-se de uma investigação exploratória marcada pela ausência de publicações científicas nesta área em Portugal.

Quisemos explorar o tipo de relações que se estabelecem entre os guardiões e as aves e perceber porque é que estas são uma opção para muitos. Entender a forma

² Ver: VÁRIOS. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/515010/pet-population-european-union-eu-by-animal/>.

³ Psitacídeos: família que engloba todo o tipo de papagaios, incluindo todos os membros da família *Catuidae* (catatuas) e as caturras.

como as pessoas se relacionam com as aves e qual a importância destas no seu quotidiano e na sua vida foram objetivos deste trabalho.

Dentro do grupo das aves, optámos por escolher os psitacídeos que, pelas suas características, são provavelmente os mais comuns.

Metodologia

Os dados empíricos nos quais se baseia este artigo provêm de diferentes origens e foram obtidos através de diferentes canais, tendo sido recolhidos de março a maio de 2019⁴.

A aproximação metodológica utilizada foi a etnografia multi-espécie via método misto. Assim minimizam-se as fragilidades e maximizam-se os benefícios de cada um dos métodos (quantitativo e qualitativo), permitindo uma pesquisa mais complexa e completa do ponto de vista dos métodos e técnicas, das aproximações, dos conceitos e da própria linguagem (BRYMAN, 2016). Uma vez que não existia qualquer escrito sobre esta matéria em Portugal, a opção seguida pareceu a mais apropriada (BRYMAN, 2016), desbravando caminho através de uma pesquisa exploratória (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2015).

As técnicas utilizadas foram o inquérito por questionário [via face a face (n=7) e on-line (n=63), o que fez a totalidade de 70 inquéritos], a observação e as entrevistas semiestruturadas (n=5). Aplicámos o inquérito (que foi sujeito a vários pré-testes) em dois contextos diferentes, sendo que num destes foi face a face na sala de espera do Hospital Escolar (HE) da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa (HE da FMV -ULisboa).

A escolha da FMV-ULisboa justifica-se por ser a mais antiga instituição de ciências veterinárias em Portugal, sendo que a sua origem remonta à Real Escola Veterinária Militar, que viria a ser incorporada no Instituto Agrícola em 1855. Tendo já tido várias designações, integrou a Universidade Técnica de Lisboa desde a criação desta em 1930 e hoje faz parte da Universidade de Lisboa. O HE recebe ANH de várias zonas geográficas do país e uma componente significativa da sua atividade é dedicada aos AC. De grandes dimensões, funciona 24 horas por dia, todos os dias do ano, com serviço de internamento permanente e com dezenas de especialidades clínicas e meios de diagnóstico.

⁴ A única exceção a este intervalo de tempo foi a condução de duas entrevistas em junho de 2020.

Para o segundo contexto de aplicação do questionário, recorreremos à etnografia digital (KOZINETS, 2015; VARIS, 2016). Contactámos grupos organizados numa rede social (*o Facebook*), em cujas contas são relatadas experiências de guardiões de aves. Foi estabelecido contato com os administradores de vários grupos [‘Aves Exóticas de Portugal’ (então com mais de 6 mil membros)⁵, ‘Todo o tipo de aves de criação’ (3,4 mil membros) e ainda ‘Clube dos criadores de aves de Portugal’ (então com 3,7 mil membros)] para explicar o objetivo do estudo. Foi solicitada a colaboração e a autorização para a distribuição do questionário (VARIS, 2016). Só depois procedemos à distribuição do questionário on-line pelos membros do grupo (KOZINETS, 2015; VARIS, 2016).

Todos os participantes foram informados dos objetivos do estudo e assinaram declarações de consentimento informado. Foi garantida a confidencialidade e anonimato dos dados e da identidade dos guardiões. A possibilidade de desistência de participação no estudo em qualquer fase do mesmo (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2015) foi também garantida. Todos os nomes apresentados neste estudo são fictícios, de forma a proteger a identidade dos participantes.

Devido às regras de confidencialidade que abrangem o HE da FMV-ULisboa e os seus profissionais, não nos foi possível obter uma lista com a identidade dos guardiões de psitacídeos, já que tal implicaria uma violação ética e deontológica. Tal lista ter-nos-ia permitido selecionar, dentro deste universo (guardiões de aves seguidas no HE), uma amostra aleatória e, a partir desta, extrapolar resultados para todo o universo⁶. A nossa amostra é não aleatória, pelo que optámos por um tratamento de dados conservador, assentando sobretudo na estatística descritiva e onde foram testadas algumas significâncias via computação de testes não paramétricos (SIEGAL, 1956).

As autoras obtiveram autorização formal para permanecer na sala de espera das consultas médico-veterinárias e abordar os guardiões que transportassem aves, tendo-nos sido indicados previamente os dias em que estavam agendadas consultas com psitacídeos. Os inquiridos que responderam ao inquérito face a face foram todos os que durante os três meses de trabalho de campo estiveram com aves na sala de espera do HE e aceitaram colaborar no nosso estudo (n=7).

⁵ O nome do grupo foi alterado pelo seu administrador para ‘Papagaios de Portugal, Comércio, Reprodução & Dúvidas’ no ano de 2020.

⁶ Embora, desde 2006, a Direção-Geral de Alimentação e Veterinária – devido a possíveis surtos de H5N1, entre outras estirpes de gripe das aves – tenha tornado obrigatório o registo de todo o tipo de aves domésticas, as aves que estão dentro de casa ou em gaiolas interiores não são abrangidas por este registo.

Nas sessões de observação (n=7) que tiveram lugar na sala de espera do HE incidimos sobre a interação estabelecida entre os guardiões e as aves. A sua duração variou entre 25 a 45 minutos. Foi dada especial atenção à interpretação e entendimento comportamental, reações e linguagem entre díades (guardiões e aves).

As perguntas colocadas no inquérito incidiram na relação dos guardiões com as aves: de que forma é que estes percebem os psitacídeos, como caracterizam a interação com as aves, se estas vieram alterar o seu quotidiano e, se sim, como.

Finalmente, as entrevistas semiestruturadas (n=5) permitiram-nos explorar dados emanados dos inquéritos, questionando de forma mais aprofundada os significados atribuídos pelos guardiões às aves. O guião de entrevista foi elaborado com perguntas gerais que foram sendo colocadas pela ordem mais apropriada ao decorrer das próprias entrevistas, havendo sempre espaço para perguntas improvisadas consoante a forma como a entrevista se desenvolvia (BRYMAN, 2016).

Resultados

Caracterizando o sexo e a idade da amostra respeitante aos dados recolhidos através do questionário (on-line e face a face), os inquiridos são maioritariamente homens (mais de 77%/55) sendo que a maioria destes se encontra na classe etária dos 31 aos 40 anos de idade (quase 29% dos homens). Por sua vez, a maioria das mulheres inquiridas pertence ao intervalo etário dos 41 aos 50 anos de idade (7%/5).

As aves mais comuns à guarda dos inquiridos são os papagaios, sobretudo o cinzento africano (*Psittacus erithacus*) ou os de menor porte (ex.: Agapornis), as caturras (*Nymphicus hollandicus*, endémicas da Austrália) e as araras (*macaws*), que são papagaios do Novo Mundo. Finalmente há ainda passeriformes como aves canoras entre as quais se destacam o diamante-mandarim (*Taeniopygia guttata*) ou os canários (*Serinus canaria*). Alguns inquiridos referiram também ter ringnecks indianos (*Pittacula krameri*), lóris (*Trichoglossus haematodus*), pintassilgos (*Carduelis carduelis*) e outras aves europeias. Com a exceção de três mulheres que são guardiãs de quase uma centena de aves (para criação), as restantes inquiridas são guardiãs de pequenos números de aves que vão deste 1 até 10 indivíduos. As aves preferidas das inquiridas são os papagaios, as caturras e as araras. No caso dos homens que levam a cabo a criação de psitacídeos, pelo menos 20%/15 destes possuem aves em grande quantidade, indo desde uma centena a 600 ou mais indivíduos. As aves criadas por estes 20% de inquiridos são sobretudo caturras, papagaios (sobretudo de menor porte, como

os Agapornis), periquitos ingleses e australianos, kakarikis, jandaias e outras araras, e os lóris.

Os dados provenientes das entrevistas (conduzidas a um casal, a dois homens e a duas mulheres) também nos revelam esta tendência relativa às aves mais comuns: papagaios, caturras e araras.

Não se verificou qualquer significância estatística quando comparámos o tipo de aves à guarda quer de mulheres quer de homens ($p \leq 0,05$).

Os dados recolhidos através do questionário mostram que os guardiões de um menor número de aves partilham o seu dia a dia com uma a várias dezenas de aves. Mais de metade dos inquiridos (aproximadamente 60%/42) adquiriu as aves há entre um e dez anos sendo que apenas 8% (6) deles revelam ter as aves há menos de um ano. Os restantes (35%/25) têm aves há 11 ou mais anos. Pelo menos 80% dos inquiridos declaram ter comprado as aves mas, simultaneamente, 25% foram oferta ou até adotadas (16%).

Mais de 90% dos inquiridos declaram ter-se informado sobre os cuidados necessários para terem aves à sua responsabilidade antes de as receberem/comprarem/adotarem (só 7% declaram ter-se informado após a compra/oferta/adoção). Essa informação foi obtida através de várias fontes: pessoas que conheciam e que eram guardiãs de aves, veterinários, páginas da internet ou as próprias lojas onde as aves foram adquiridas.

Quase 70% (49) dos guardiões revelam dedicar muita atenção diária às aves (apenas 2,9%/2 dizem dar-lhes pouca atenção). Esta atenção materializa-se em tempo passado em conjunto, falando, assobiando, acariciando ou até carregando as aves nos ombros. Mais de 98% dos guardiões revelaram estarem atentos ao comportamento e à linguagem corporal das aves.

De acordo com 80% dos inquiridos, as aves tomam a iniciativa de interagir com os próprios. As aves reagem à presença e voz dos guardiões cantando, aproximando-se e até jogando com estes ou exibindo uma postura relaxada.

Aproximadamente 60% dos guardiões revelaram que não alteram o seu comportamento ou tom de voz quando estão com as aves. Os restantes 40% revelaram que falam mais baixo e pausadamente, não se aproximam de repente nem fazem movimentos bruscos, sobretudo para garantir um maior nível de bem-estar às aves que dizem ser sensíveis, temperamentais e que adoram pelo que não as querem perturbar, mesmo que de forma mínima. A propósito do bem-estar das aves, 70% dos inquiridos revelam que controlam a temperatura dos locais onde se encontram as aves. Mais de metade dos guardiões revelou que as aves já tiveram problemas de saúde que vão desde

os problemas nas penas aos fungos, passando por gripes. O bem-estar das aves é uma preocupação dos inquiridos.

Pelo menos 80% dos respondentes referem não partilhar alimentos com as aves (aliás, mais de 90% dos inquiridos declaram que os horários alimentares das aves não coincidem com os seus). Mas daqueles que partilham alimentos com as aves, quase 40% referem que a sua própria dieta se tornou mais saudável devido à presença destas.

Quanto à dieta das aves, a grande maioria dos guardiões (90%) revela que estas são alimentadas com frutas e vegetais aos quais são adicionadas sementes. São também referidos granulados e outro tipo de alimentos.

Mais de 90% dos guardiões revelam que criaram espaços próprios para as aves. Cerca de 20% das aves passam a maior parte do tempo na marquise (varandas fechadas/estufas) ou na sala (19%). Mas a grande maioria das aves divide-se pela cozinha, gaiolas de voo exteriores, viveiros, sótãos, arrecadações ou garagens com luz natural ou até “pela casa toda”, como referem alguns.

Mais de 72% dos inquiridos revelam que as aves passam a maior parte do tempo com outras aves enquanto os restantes referem os próprios guardiões.

Mais de 40% dos inquiridos revelam que raramente vão de férias por causa das aves. Quase 25% referem mesmo que nunca vão de férias. Os restantes 35% dizem ir de férias mas afirmam que as suas escolhas são condicionadas pelas aves, que os acompanham. A duração da viagem é um fator determinante para decidir o local das férias (73%), ou seja, os inquiridos têm tendência a escolher percursos mais curtos. A atualização da documentação clínica (20%), para além do clima, são outros fatores tidos em conta.

As respostas sobre aquilo que as aves representam para os guardiões são diversas. Quase 50% dos inquiridos referem-se às aves como membros da família. Mas 20% dos inquiridos revelam que as aves são seus filhos: 10 inquiridos e cinco inquiridas referem as aves como pertencendo a esta categoria (embora a diferença entre sexos de quem considera as aves como filhos não seja estatisticamente significante: $p \leq 0,05$). Estas categorizações parecem evidenciar uma boa relação entre guardiões e aves, sendo que esta é fortemente emocional. Os dados recolhidos via entrevista semiestruturada evidenciam essa relação entre ambos os membros das díades. Por exemplo, Diogo (E/2019/1), membro de um casal entrevistado afirma o seguinte: “— Um filho, é um filho, para mim o meu pássaro é um filho.” Um outro entrevistado apelida o seu papagaio de amigo incondicional. Cristina (E/2020/1) é bastante clara: “— Consideramo-lo como um membro da família, sem dúvida, pois a nossa rotina familiar é ajustada às suas necessidades e interesses e procuramos transmitir-lhe muito afeto.” Carlos (E/2019/5) afirma: “— Disseram-me que os papagaios apenas imitavam o que

nós dizíamos, mas o meu hoje é um amigo incondicional, diz o que não deve, obviamente [...] adora brincar com a minha avó, chama de ‘vovó’ e depois põe-se a mandar vir com ela e ela adora!” Quase 15% dos inquiridos revelaram que embora as aves sejam AC, também são usadas para venda, troca ou oferta, uma vez que existe muita procura. Existem ainda respostas que referem as aves como companhia diária, paixão ou ainda passatempo (hobby).

Algumas perguntas abertas do questionário, bem como as respostas dadas nas entrevistas, permitiram-nos explorar as relações estabelecidas entre os guardiões e as aves. Um dos inquiridos refere que a sua paixão pelas aves “— [...] já quase resultou no meu divórcio.” Um entrevistado (Diogo - E/2019/1) declara-se preocupado por causa dos problemas comportamentais do papagaio-cinzento à sua guarda, uma vez que este toma diariamente 0,2 mg de Prozac receitados pelo médico-veterinário.

Vários inquiridos revelam que providenciam muito boas condições às aves que têm à sua guarda pois, apesar de algumas já terem fugido, acabam sempre por regressar. Revela-nos um inquirido que “— [...] a minha mãe veio a correr chamar por mim porque um dos periquitos saiu da gaiola e voou de janela em janela, mas depois voltou pra casa.” Refere ainda outro: “— O meu casal de *ring-necks* abalou mas voltaram, é sinal que são bem tratados.” Diz um participante “— [...] tive um canário com seis anos que fugiu por descuido. Mas voltou com o meu assobio, o Chico. Hoje cá está com saúde. Fugiu mas voltou para casa.”

Pelas descrições dos inquiridos e entrevistados, mas sobretudo através da observação da interação entre guardiões e aves é possível afirmar que existem boas relações entre guardiões e aves e que estas evidenciam confiança mútua: as aves respondem bem às chamadas dos guardiões e muitas delas adotam posições corporais que evidenciam uma grande proximidade e confiança. Os inquiridos entendem que cada ave tem padrões de comportamento e formas de estar específicas. Refere uma das inquiridas apaixonada pelas aves que “— [...] cada uma tem a sua personalidade, são como os humanos.” Por sua vez, Diogo (E/2019/1) afirma: “— [...] eles também têm personalidade, cada um deles.”

Discussão dos resultados

É comum os guardiões pedirem informações sobre como os indivíduos interagem e sobrevivem quando em habitat natural pois só dessa forma conseguem fornecer os cuidados necessários ao bem-estar físico e psicológico das aves (SEIBERT, 2006a). Os inquiridos (mais de 90%) declaram ter-se informado sobre os cuidados

necessários para terem aves antes de as receberem/comprarem/adotarem.

Mas as necessidades dos papagaios e outras aves exóticas vão para além da alimentação: são necessidades sociais, uma vez que vivem em bandos nos quais todas as atividades são executadas em grupo. A longevidade de algumas destas aves é de décadas. Como refere Anderson (2014), há espécies que vivem até aos 35 ou 40 anos de idade, mas há araras que vivem, desde que com cuidados apropriados e que tenham bons genes, até aos 80 ou mais anos. Afirma Anderson (2003) que falamos de responsabilidades para a vida. Os papagaios são mais difíceis de cuidar devido à sua enorme complexidade social, emocional e cognitiva. Esta complexidade exige interação social e estímulos cognitivos continuados. Quando os cuidados apropriados não são fornecidos, observamos uma redução drástica na esperança média de vida das aves para metade ou até menos (ANDERSON, 2003). Os laços estabelecidos entre as aves e os guardiões, bem como o entendimento entre ambos, são cruciais (ANDERSON, 2014). A interpretação errada do comportamento da ave ou a falha em reconhecer as necessidades sociais e fisiológicas da espécie pode resultar num desequilíbrio no bem-estar. Por outro lado, o estatuto social de que goza a ave, enquanto membro querido e estimado da família, pode contribuir para o seu bem-estar.

A inteligência, memória e capacidades cognitivas de um papagaio, principalmente nas espécies de maior porte, são semelhantes às de uma criança, conseguindo estes comunicar referencialmente, o que significa que atribuem significado às palavras e associam-nas a objetos e situações em que se encontram, utilizando as mesmas num contexto apropriado (PEPPERBERG, 2006). Estas características tornam estas espécies procuradas como AC, tal como o facto de imitarem palavras e sons. Por exemplo, um guardião relata-nos um episódio que o surpreendeu e que ocorreu quando o papagaio à sua guarda imitou o barulho do telefone. O objetivo das aves com estas imitações é o de receber atenção (BERGMAN; REINISCH, 2006a). “Muitos papagaios estão especialmente aptos a imitar barulhos eletrónicos como sons de micro-ondas, telemóveis e computadores” (BERGMAN; REINISCH, 2006a, p.221).

As aves interpretam as expressões faciais dos guardiões, o seu tom de voz e a sua linguagem corporal (WELLE, 2006) e os guardiões têm plena consciência disso. Aliás, as respostas dos inquiridos referem esse facto: mais de 80% dos inquiridos referiram que as aves reagem à sua presença ou voz. Por sua vez, é exatamente por essa observação que 40% dos inquiridos declaram alterar o seu comportamento perante a presença das aves. Por exemplo, Diogo (E/2019/1) refere: “— Ele quando percebe que nós ficamos zangados com ele por alguma coisa...” Gabriela completa: “— Ele fica sentido!”

A limpeza mútua é o mais importante mecanismo de ligação entre indivíduos

(SEIBERT, 2006b). A cabeça e o pescoço são zonas do corpo de difícil acesso para as aves, pelo que há reciprocidade por parte dos papagaios na sua limpeza (BERGMAN; REINISCH, 2006b). Mas estas zonas corporais são igualmente vulneráveis pelo que o acesso às mesmas por parte de terceiros – sejam eles da mesma espécie ou seres humanos — só pode ser realizado quando existe uma grande relação de confiança (SEIBERT, 2006a). Da mesma forma, as aves que consideram os seus guardiões elementos sociais importantes deixam-se ser mimadas, recebendo carinhos na cabeça e pescoço (ANDERSON, 2016), algo que comprovámos nas sessões de observação.

O acompanhamento e observação diária da ave também se verificou (com maior ou menor intensidade), sendo que quase 70% dos inquiridos afirmaram fazê-lo. Os psitacídeos, sendo aves especialmente afetadas pelo stress, podem ficar em estado de alerta permanente num ambiente novo e do qual pouco conhecem. A ave não deve ser deixada sozinha e é preciso ter em conta onde se coloca uma gaiola, devendo esta estar longe das portas para que as aves consigam ver os seus guardiões e outros animais a se aproximarem, sem serem surpreendidas (WELLE, 2006). A observação e acompanhamento da ave é essencial (ANDERSON, 2016).

Como a maioria dos psitacídeos de companhia são espécies altamente sociais, podem não se adaptar a um estilo de vida solitário (SEIBERT, 2006b); por isso é frequente que um papagaio sozinho se vire para os seus guardiões podendo vê-los como membros do seu bando e desejando a sua atenção para satisfazer as suas necessidades sociais (SEIBERT, 2006b). Gabriela (E/2019/1) relata: “— Tem dias que não quer contato com as pessoas [...]. Quer estar sossegado, na gaiola dele, nem quer sair da gaiola nem nada!” Diogo: “— Mas, por exemplo, convidamos pessoas a jantar lá em casa, amigos nossos, ele faz uma festa [...]. Sente a atenção toda para ele e depois quer sair da gaiola, vai para o ombro de toda a gente....”

A falta de estímulos acontece especialmente numa ave que fica fechada diariamente na gaiola, que não tenha brinquedos para atividades de forrageamento e manipulação, que não é sujeita a desafios sociais (ANDERSON, 2003). A menção por parte dos inquiridos da existência de gaiolas de grandes dimensões (algumas, exteriores) torna a vida das aves mais interessante. O espaço é muito importante para que as aves possam exercitar as suas asas e se possam sentir aves (GRANT; MONTROSE; WILLS, 2017). Como refere Seibert (2006b), o confinamento crónico, sobretudo em espaços exíguos, não permite as oportunidades necessárias para uma ave desenvolver comportamentos normais. Anderson (2003) chega mesmo a referir que uma tendência positiva entre cada vez mais guardiões de papagaios é estes reconhecerem a importância do tempo passado fora das gaiolas em vez de deixarem as aves confinadas, como se de plantas exóticas se tratasse.

Uma prática comum entre guardiões de aves, e que alguns dos entrevistados nos confienciaram fazer, é o hábito de retirar uma das crias aos progenitores para serem eles próprios – guardiões – a alimentar e cuidar. Acredita-se que desta forma as aves se tornam mais mansas por estarem acostumadas desde o seu início à presença de seres humanos. Grant, Montrose e Wills (2017) referem que é por esta razão que muitas pessoas preferem um papagaio criado à mão. Mas esta prática acarreta problemas não apenas para os progenitores, mas para as próprias crias que olham para os seres humanos como potenciais parceiros sexuais e não apenas parceiros sociais (ANDERSON, 2010). Tal também se verifica em alguns primatas não humanos em cativeiro (CASANOVA, 2006). Esta prática de retirar algumas crias aos progenitores também leva à agressão, à depressão e a outros comportamentos indesejados. Para Welles (2006, p.171), “idealmente os pássaros e os guardiões interagem como membros do mesmo bando, mas não como parceiros sexuais.” Esta confusão de guardiões enquanto parceiros sexuais acontece porque há uma limitação ontogénica (FOX, 2006).

As aves podem ainda manifestar agressividades devido a problemas hormonais, especialmente na primavera, que é uma época de acasalamento. É por isso que Mateus (E/2019/3) afirma: “— Costumo interagir com eles, sim. Mas na época de criação procuro ao máximo dar-lhes o seu espaço. Pois em criação, alteram o seu comportamento e prefiro não interagir, para que a criação ocorra dentro do pretendido.” Morder e arrancar penas são problemas comuns (WELLE, 2006). Diogo, um dos entrevistados (E/2019/1), mostrou-nos uma ferida na mão causada pelo papagaio. Conta-nos que o papagaio já passou por várias casas: “— Eu já o tinha, depois juntei-me com ela (olha para a Gabriela e sorri), eu tinha um na casa dos meus avós, ele foi oferecido ao meu pai, mas depois o meu pai não se entendia com ele, e ele estava, tipo, deprimido, não é...” Gabriela: “— E não só, ele era antissocial, não era tão social como agora.” Diogo: “— É, ele era muito mau.” Gabriela: “— E não deixava ninguém chegar perto dele [...]” A depressão nas aves é bastante comum, especialmente em espécies de maior porte como os papagaios Amazona, as catatuas ou as araras (GRANT; MONTROSE; WILLS, 2017). Diogo (E72019/1) confienciou como um dia ele e Gabriela ficaram zangados com o papagaio por algum motivo que mais tarde acharam insignificante. Mas o papagaio percebeu essa zanga como sendo um castigo, tendo arrancado todas as penas do peito (que, entretanto, cresceram num processo de recuperação). Mencionaram que perceberam que tinham de cuidar melhor do papagaio e, segundo Diogo, passaram a recompensá-lo sempre que ele faz algo de bom. A este propósito, Anderson (2016) afirma que a melhor forma de construir um laço positivo com o papagaio é através de condicionamento operante e reforço positivo. O condicionamento constrói um laço positivo para ambos os lados e pode ser agradável

para ambas as partes. Comportamentos autodirigidos como o arrancar das penas (automutilação) são muitas vezes indícios de grande fragilidade emocional e psicológica e são sinônimo de depressão (ANDERSON, 2010). A queda das penas também pode ser causada por infecções, outras doenças ou deficiências na alimentação (SEIBERT, 2006b). No caso da ave deste casal, para além da depressão, o papagaio também teve uma infecção causada por fungos, que contribuiu igualmente para a perda das penas. Aquando da entrevista a este casal, o papagaio tinha vestida uma camisola feita de uma meia. Embora alguns antropomorfizem as aves à sua guarda (ANDERSON, 2010), a verdade é que este tipo de vestuário pode ser normal quando um pássaro não tem penas, evitando assim que possa sofrer com o frio (ANDERSON, 2010).

A depressão é um problema sério e ocorre por motivos vários: psicológicos, físicos e ambientais, muitas vezes estando todos interligados, embora possa não ser sempre o caso (MEEHAN; MENCH, 2006). Papagaios que sofrem de depressão podem ter problemas comportamentais, como vocalizarem mais do que o habitual, o que provoca reações adversas nos vizinhos (GRANT; MONTROSE; WILLS, 2017), como referiram alguns dos nossos entrevistados. Mas as vocalizações não surgem apenas num contexto de depressão. Normalmente um papagaio vocaliza de manhã, depois do Sol se levantar, e ao pôr do Sol, depois de se ter alimentado, como forma de informar que está bem e para garantir que todos os membros do grupo têm essa informação. Existem também vocalizações curtas e agudas que servem para localizar outro indivíduo do bando (BERGMAN; REINISCH, 2006a). Um papagaio de maior porte pode causar ainda maior incómodo tanto para os guardiões como para os vizinhos (FRIEDMAN; MARTIN; BRINKER, 2006). Por exemplo, as vocalizações de uma catatua conseguem alcançar os 135 decibéis. Tal pode resultar no abandono, na doação para outra casa, ou no fechamento da ave num espaço confinado, o que agrava a depressão e mal-estar (WELLE, 2006).

As catatuas e as araras, como os papagaios-cinzentos ou Amazona, parecem ser as espécies mais difíceis de criar. Por serem espécies de psitacídeos mais complexas, inteligentes, sociais e sensíveis, acabam por desenvolver personalidades neuróticas, transformando-se em animais não apropriados para companhia (GRANT; MONTROSE; WILLS, 2017). Refere Diogo (E/2019/1): “— [...] Ele vai ficar com aquilo na cabeça, se o for deitar. Aconteceu há cinco dias, ele largou para aí umas 50 penas porque ele fica com a ideia que...” Gabriela, completando: “— Que o estávamos a ir deitar por castigo.” Diogo: “— Eu fui-o deitar e — [pensou] que eu estava zangado com ele, que era castigo e ficou zangado.” Completa mais uma vez Gabriela: “— É, mas nisto ele estragou o trabalho todo das penas que cresceram.” Diogo, mais explícito: “— E nisto autoflagelou-se [...] Sim, mas a infecção já passou [...] A médica diz que isto

agora é comportamental [...]” Gabriela informa: “—Tanto que ele agora toma antidepressivos, está a tomar antidepressivos [...] Tem de ser.”

Quanto à dieta das aves, referimos que a grande maioria dos guardiões (90%) revela que estas são alimentadas com frutas e vegetais aos quais são adicionadas sementes. Ora a alimentação varia de espécie para espécie, havendo algumas que quando em habitat natural comem maioritariamente sementes para além de frutas e vegetais. As aves que se encontram frequentemente como aves de companhia comem sementes e outros alimentos (MATSON; KOUTSOS, 2006). A dieta, aliada a eventuais faltas de exercício físico quando sob guarda humana, pode trazer problemas (MATSON; KOUTSOS, 2006). As aves devem ser sujeitas ao desafio cognitivo de procurar comida (forrageio) para conseguir as calorias de que necessitam (MATSON; KOUTSOS, 2006). Ora, quando estão sob cuidado humano, uma dieta composta apenas por sementes é prejudicial uma vez que estas – principalmente as de girassol – têm muita gordura e se a ave não faz exercício há muitas calorias que não são gastas (MEEHAN; MENCH, 2006). Tal leva a problemas de saúde que se localizam principalmente no fígado ou noutros órgãos (ANDERSON, 2010). Adicionalmente, uma dieta composta apenas por sementes possui deficiências a nível de vitaminas e outros nutrientes, pelo que é muito importante oferecer uma dieta variada. Existem também as chamadas comidas tóxicas que são simplesmente não saudáveis: chocolate, álcool, abacate, sal, doces, gorduras, fritos, entre outros (ANDERSON, 2016). Um dos inquiridos confidenciou-nos que deixava o seu papagaio-cinzento beber Coca-Cola por achar graça à maneira como este arrotava libertando o gás da bebida. Mas depois de um tempo, o papagaio adoeceu com uma cirrose. Quando voltou a ficar bem, mudou-lhe a dieta e nunca mais voltou a dar-lhe comidas não saudáveis.

Cerca de 40% dos inquiridos partilham os seus alimentos com as aves, enquanto os restantes 60% não o fazem (ou porque as aves comem noutra local da casa, sempre tendo comida disponível nas gaiolas, ou porque não são espécies cuja alimentação deva ser feita à base de comidas humanas). Mas os inquiridos que comem e partilham alimentos com os seus papagaios afirmam que passaram a ter muito mais cuidado com aquilo que comem, por terem receio que os papagaios comam algo que não é saudável, ou seja, mudaram a sua própria alimentação (para ingredientes mais saudáveis) em função da dieta das aves. Como refere Anderson (2003, p.405): “Viver com um papagaio altera profundamente a vida da maioria das pessoas. Muitas melhoram a sua dieta através da introdução de vegetais e fruta frescos e biológicos para os papagaios”. É benéfico para as aves que a sua alimentação ocorra durante a alimentação dos guardiões, pois em habitat natural todos os indivíduos do bando comem no mesmo ambiente social e em simultâneo (WELLE, 2006).

As aves também mudaram as rotinas dos inquiridos: muitos mostram-se relutantes em ir de férias sem as suas aves. Dizem que estas se vão sentir abandonadas e que não confiam em estranhos para ficarem responsáveis pelas mesmas. Diogo (E/2019/1) relata que quando teve de sair de casa por uns dias o seu papagaio quase deixou de comer. Ao perguntar a Mateus (E/2019/3) sobre que tipo de mudanças as aves trouxeram à sua vida, este responde: “[...] acho que posso dizer que sou completamente apaixonado por aves e trazem-me muita felicidade [...] [agora] sou uma pessoa mais paciente, mais calma e mais feliz [...]” Este entrevistado redefiniu-se através da sua relação com as aves. Ou seja, a relação com os psitacídeos mudou-o enquanto pessoa. Também Luís (E/2019/2) conta os efeitos das aves como uma espécie de “terapia”: “[...] Hum, [pensativo] é assim a relação com pássaros é... como hei de explicar, é uma distração [pensativo] vá, sei lá, é uma pessoa abstrair-se do resto e concentrar-se naquilo e pronto, é como se fosse uma terapia para stress, vá.” Entrevistadoras: “[...] E agora? Imagina a sua vida sem pássaros?” Luís: “[...] Não! Não! De modo nenhum [risos] [...] pelo menos só se tivesse um grande problema de saúde em que não pudesse mesmo [...] ter aves. Mas dentro do momento não consigo imaginar-me sem aves!” Entrevistadoras: “[...] E como é que acha que se sentiria?” Luís: [suspiro profundo] “[...] Vazio, [pausa] vazio.” Este inquirido (E/2019/2) descreve ainda a relação que tem com as aves como benéfica para ambas as partes e afirma sentir-se preenchido com a mesma.

Anderson (2010) afirma que os guardiões de aves estão sujeitos a um grande sofrimento com a perda das mesmas, podendo-se comparar a dor sentida com a dor da perda de um ente querido e que obriga a um período de luto. A catatua de uma das nossas inquiridas morreu-lhe nos braços e ela afirma ter ficado “absolutamente devastada”. Socialmente, os pássaros podem seguir muitos dos rituais cumpridos pelos membros humanos da família, incluindo celebrações de aniversário, férias e até funerais (ANDERSON, 2010). Por isso é entendível que a maioria dos nossos inquiridos e entrevistados olhe para as aves como membros da família e até filhos. Alguns inquiridos autodenominam-se “mamã” ou “papá”. Afirmando considerar as aves como filhos. Esta categoria de parentesco é normalmente aplicada à nossa própria espécie. “[...] Ele é meu filho”, afirma um inquirido quando se referia ao seu papagaio. As ligações emocionais entre guardiões e aves são fortes e materializam-se em discursos cruzados, que formam uma linguagem própria, e em práticas partilhadas. Muitos guardiões de aves tratam-nas como pertencendo à rede do seu próprio parentesco pois, para alguns, as aves não só são a única família que conhecem, como são aliados poderosos no combate à depressão e solidão (ANDERSON, 2003). Um inquirido confia-nos a dor que sentiu quando uma das catatuas faleceu nos seus braços. Outro refere: “[...] Herdei um papagaio, o meu

pai faleceu e deixou um papagaio [...] a ave é uma corrente que me liga ao meu pai, sendo uma ave especial.” Neste caso, a ave é um ‘fio condutor’ que liga o filho ao pai já falecido, materializando uma relação que tinha sido, entretanto, desfeita pela partida do pai.

A paixão e o carinho pelas aves nascem do facto de alguns inquiridos terem tido pássaros há muitos anos, muitos deles desde a sua infância. A forma como os pais dos inquiridos cuidaram destes AC são fatores que explicam o atual tratamento das aves pelos inquiridos (AMIOT; BASTIAN, 2015).

É também pela força desta relação emocional com aves que os entrevistados nos relatam períodos importantes da sua vida. Um guardião menciona que um dos episódios mais marcantes que viveu foi quando a caturra voou na sua direção: “— A caturra voou para mim pela primeira vez! Começou a procurar-me pela casa!”

Uma inquirida relata: “— Eu sempre tive aves, mas há alguns anos atrás tive um corvo que me ia esperar ao portão, quando eu saía do trabalho.” Um dos entrevistados confidenciou-nos que devido à sua profissão tinha de viajar muito, deixando a sua esposa sozinha uma vez que os seus filhos já estavam crescidos e tinham saído de casa. Por isso, a esposa começou a interessar-se por papagaios, começando a criá-los. Revela que para ele os papagaios são amigos, mas que para a sua esposa a relação com os papagaios é tão forte que ela os considera como filhos, para além de a terem ajudado a combater a solidão após a partida dos filhos da casa de família.

Figura 1 - A. Dapra com o “conure” de uma entrevistada



Fonte: Foto de Catarina Casanova

Considerações finais

O primeiro estudo sobre a relação entre os seres humanos e as aves em Portugal mostra-nos que, tal como com outros AC, podem estabelecer-se laços relacionais com componentes sentimentais e emocionais fortes com os psitacídeos, por terem muitas características que partilham com os seres humanos (ANDERSON, 2016).

Os papagaios, principalmente os de maior porte, podem não ser os melhores (ou os mais recomendados) AC. Para que estas espécies se encontrem de boa saúde física e psicológica devem ser fornecidas condições semelhantes às que existem em habitat natural, o que pode ser difícil de conseguir. Contudo, com guardiões dedicados, que cuidam e genuinamente gostam destas aves, desenvolvem-se laços fortes, sendo que ambas as partes vivem felizes durante décadas (ANDERSON, 2014) partilhando um ecossistema doméstico, um espaço, um quotidiano. Caso essa relação não se estabeleça, a presença de um psitacídeo pode ser problemática para todos os envolvidos. As espécies mais pequenas podem tornar-se melhores AC pois são mais fáceis de cuidar e podem não precisar de um espaço tão grande, sendo mais simples aquilo que requerem. No entanto, é precisamente este fator que às vezes pode levar a que guardiões negligenciem estas aves, que, não obstante serem mais fáceis de cuidar, continuam a ter as suas necessidades próprias (GRANT; MONTROSE; WILLS, 2017).

A longevidade de algumas destas espécies torna o investimento humano nestas relações em práticas de longo prazo. Dentro deste contexto seria interessante explorar de modo mais detalhado o desenvolvimento destas relações ao longo do tempo.

A maioria dos participantes neste estudo vê as aves como membros da família, filhos ou amigos. As aves parecem substituir ou serem percebidas através de categorias atribuídas a outros seres humanos, sendo significantes para os inquiridos (ANDERSON, 2003, 2014). São ainda companheiras contra a ansiedade e um refúgio contra a solidão, partilhando um universo próprio com os guardiões. As ligações emocionais profundas entre as aves e os guardiões manifestam-se através de relações intimistas, com uma linguagem própria. A partilha do quotidiano – com rotinas específicas entre seres humanos e aves — molda e vai construindo relações e laços que são sobretudo afiliativos e de interdependência. Desta vida comum entre seres humanos e aves e que, em muitos casos, implica profundas alterações nas vidas das pessoas, emergem seres humanos que se redefinem. Estas relações são possíveis porque alguns reconhecem a agência animal, a inteligência, a consciência, as emoções e, portanto, também o sofrimento e a negligência (DARWIN, 1872) ou acabam por reconhecer, à medida que vão construindo a sua relação com determinada ave e à medida que se vão

construindo a si próprios.

Como refere Welle (2006, p.171): “*The whole point of having a pet is to bond with them in some fashion*”.

“IT IS MY CHILD”: ABOUT THE SIGNIFICANCE OF BIRDS

ABSTRACT: *Animals are present in the lives of human beings at least since the Palaeolithic period, having several roles and meanings: work, food, companionship, power, social status. As in other European countries, the presence of companion animals in Portuguese families has been growing and in 2018 these pets were already more than 7 million. Although not as numerous as cats or dogs, birds are common pets. The present work is the first contribution to the knowledge of the relationship between humans and their “companion birds” in the Lisbon region. We explored the significance and impacts of birds (mainly Psittacidae) on the respondents’ daily lives. We used questionnaires, interviews and observation and also resorted to digital ethnography. The physical and mental well-being of birds is a concern for guardians who perceived birds as “children” or “family members”.*

KEYWORDS: *Multi-species ethnography. Well-being. Pets.*

“ÉL ES MI HIJO”: SOBRE EL SIGNIFICADO DE LAS AVES

RESUMEN: *Al menos desde el Paleolítico, los otros animales están presentes en la vida del ser humano, asumiendo diversas roles y significados: trabajo, alimentación, hacer compañía, poder, estatus social. Al igual que otros países europeos, la presencia de “animales de compañía” en las familias portuguesas ha ido en aumento, con más de 7 millones en 2018. Aunque no son tan numerosos como los gatos o perros, las aves son “animales de compañía” comunes. Este trabajo es la primera contribución al conocimiento de la relación entre los seres humanos y sus “pájaros de compañía” (psitacideos) en la región de Lisboa. Exploramos los significados e impactos de las aves en la vida diaria de los encuestados. Utilizamos cuestionarios, entrevistas y observación y también recurrimos a la etnografía digital. El bienestar físico y mental de las aves es una preocupación de los guardianes para quienes asumen el papel de “hijo” o “miembro de la familia”.*

PALABRAS CLAVE: *Etnografía multiespecies. Bienestar. Animales de compañía.*

Agradecimentos

As autoras manifestam o seu agradecimento à direção do HE da FMV-ULisboa, nomeadamente ao Prof. Catedrático Doutor António José Ferreira e à Prof.^a Doutora Sandra Jesus. Agradecimentos são devidos à Prof.^a Doutora Ana Teresa Reinho. Agradecemos ainda a todos os guardiões e aves que participaram neste estudo.

REFERÊNCIAS

- AMIOT, Catherine E.; BASTIAN, Brock. Toward a Psychology of Human-Animal Relations. **Psychological Bulletin**, n.141, v.1, p.6-47, 2015.
- ANDERSON, Patricia. K. Eagle. **Anthrozoös** – A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals, n29, v.3, p.527-528, september 2016.
- ANDERSON, Patricia. K. Social Dimensions of the human-avian bond: parrots and their persons. **Anthrozoös** – A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals, n.27, v.3, p.371-387, 2014.
- ANDERSON, Patricia K. Human-Bird Interactions. *In*: DUCAN, Ian J. H.; HAWKINS, Penny (org.). **The Welfare of Domestic Fowl and Other Captive Birds**. Nova Iorque: Springer, 2010. p.17-51.
- ANDERSON, Patricia K. A bird in the house: An anthropological perspective on companion parrots. **Animals and Society**, n.11- v.4, p.393-418, 2003.
- BERGMAN, Laurie; REINISCH, Ulrich S. Parrot Vocalization. *In*: LUESCHER, A. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell, 2006a. p.219-225.
- BERGMAN, Laurie; REINISCH, Ulrich. S. Comfort Behavior and Sleep. *In*: LUESCHER, Andrew. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006b. p.59-63.
- BERKES, Fikret. **Sacred Ecology**. Nova Iorque: Routledge, 2008.
- BRACKENRIDGE, Sandra; ZOTTARELLI, Lisa K.; RIDER, Erin; CARLSEN-LANDY, Bev. Dimensions of the human–animal bond and evacuation decisions among pet owners during Hurricane Ike, **Anthrozoös**, 25. p.229-238, 2002.
- BRYMAN, Alan. **Social Research Methods**. 5 ed. Oxford: Oxford University Press, 2016.

CASANOVA, Catarina. Serão os não humanos os últimos “outros” na Antropologia? Representações sobre a superioridade humana. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, n. 56, p.106-134, 2016.

CASANOVA, Catarina. **Introdução à Antropologia Biológica**: Genética, Princípios Evolutivos e Primatologia. Lisboa: ISCSP e FCT, 2006.

CASANOVA, Catarina; SOUSA, Cláudia; COSTA, Susana. Are Animals and Forests Forever? Perceptions of Wildlife at Cantanhez Forest National Park, Guinea-Bissau Republic. *In*: CASANOVA, Catarina; FRIAS, Sónia (org.). **Memória**. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 2014. p.69-104.

DARWIN, Charles R. **The Expression of the Emotions in Man and Animals**. Londres: John Murray, 1872.

EVANS-PRITCHARD, Evans E. **The Nuer**: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People. Nova Iorque: Oxford University Press, 1996 [1940].

FOX, Rebecca. Hand-Rearing: Behavioral Impacts and Implications for Captive Parrot Welfare. *In*: LUESCHER, Andrew U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006. p.83-93.

FRIEDMAN, S. G., MARTIN, Steve.; BRINKER, Bobbi. Behavior Analysis and Parrot Learning. *In*: LUESCHER, Andrew U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006. p.147-165.

GEERTZ, Clifford. Deep Play: Notes on a Balinese Cockfight. *In*: GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. Nova Iorque: Basic Books, 1973. p.412-454.

GOVINDRAJAN, Rashika. The goat that died for family: Animals sacrifice and interspecies kinship in India’s Central Himalayas, **American Ethnologist**, n.42. v.3, p.504-519, 2005.

GRANT, Rachel A., MONTROSE, Tamara V.; WILLS, Alison P. ExNOTic: Should We Be Keeping Exotic Pets? **Animals**, n.7, v.6, p.47, 2017.

GRAY, Peter B. YOUNG, Sharon M. Human-pet Dynamics in Cross-Cultural Perspective, **Anthrozoös**, n.24, v.1, p.17-30, 2011.

GRIER, Katherine C. **Pets in America**: a History. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.

HARAWAY, Donna J. Teddy Bear Patriarchy: Taxidermy in the Garden of Eden, New York City, 1908–36. *In*: DIRKS, Nicholas B.; ELEY, Geoff; ORTNER, Sherry, B. (org.). **Culture/Power/History**. Princeton: Princeton University Press, 1993. p.49–95.

- HARAWAY, Donna, J. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People and Significant Others**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2013.
- INGOLD, Tim (org.). **What Is an Animal?** Londres: Routledge, 1994.
- KIRKSEY, Eben; HELMREICH, Stefan. The Emergence of Multispecies Ethnography. **Cultural Anthropology**, n.25. v.4. p.545-576, 2010.
- KNIGHT, John (org.). **Animals in person: cultural perspectives on animal-human intimacy**. Nova Iorque: Berg, 2005.
- KOZINETS, Robert V. **Netnography: Redefined**. Londres: Sage Publication, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LEACH, Edmund. Anthropological aspects of language: Animal categories and verbal abuse. *In*: LENNEBERG, Eric H. (org.). **New directions in the study of language** Cambridge: MIT Press, 1964. p.23-63.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **The Savage Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1966.
- MATSON, Kevin D.; KOUTSOS, Elisabeth A. Captive Parrot Nutrition: Interactions with Anatomy, Physiology, and Behavior. *In*: LUESCHER, Andrew. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006. p.49-59.
- MEEHAN, Cheryl & MENCH, Joy. Captive Parrot Welfare. *In*: LUESCHER, Andrew. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006. p.301-319.
- NEVES, Céu. Papagaios e periquitos lideram importações ilegais, mas há quem prefira um puma ou um macaco. **Diário de Notícias**. Publicado em 19 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/pais/papagaios-e-periquitos-lideram-importacoes-ilegais-mas-ha-quem-prefira-um-puma-ou-um-macaco--11720013.html>. Acesso em: 20 out. 2020. (consultado a 19 de fevereiro de 2020).
- OGDEN, Laura A.; HALL, Billy; TANITA, Kamiko. Animals, Plants, People, and Things, A Review of Multispecies Ethnography. **Environment and Society: Advances in Research**, n.4, v.1, p.5-24, 2013.
- PEPPERBERG, Irene M. Grey parrot cognition and communication. *In*: LUESCHER, Andrew. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior**. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006. p.133-145.
- SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LÚCIO, Pilar B. **Metodologia de Pesquisa**. Lisboa: McGraw-Hill, 2015.
- SEIBERT, Lynne M. Feather-Picking Disorder in Pet Birds. *In*: LUESCHER, A. U. (org.).

Manual of Parrot Behavior. Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006b. p.255-267.

SEIBERT, Lynne M. Social Behavior of Psittacine Birds. *In*: LUESCHER, A. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior.** Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006a. p.43-49.

SERPELL, James A. Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behavior. **Journal of the Royal Society of Medicine**, n.84, p.717-720, 1991.

SERPELL, James A. Companion animals. In HOSEY, Geof; MELFI, Vichy (org.). **Anthrozoology: Human-Animal Interactions in Domesticated and Wild Animals.** Oxford: Oxford University Press, 2019. p.17-31.

SERPELL, James A. Humans, animals, and the limits of friendship. In PORTER, Roy; TOMASELLI, Sylvana (org.). **The dialectics of friendship.** Nova Iorque: Routledge, 1989. p.111-129.

SHIR-VERTEESH, Dafna. Flexible personhood: Loving animals as family members in Israel. **American Anthropologist**, n.114, v.3, p.420-432, 2014

SIDDIQ, Abu B.; HABIB, Ahsan. Anthrozoology – An emerging robust multidisciplinary subfield of anthropological science. **Green University Review of Social Sciences**, n.3, v.1, p.45-67, 2016.

SIEGAL, Sidney. **Nonparametric statistics for the behavioral sciences.** Nova Iorque: McGraw-Hill, 1956.

SMART, Alan. Critical perspectives on multispecies ethnography. **Critique of Anthropology**, n.34, v.1, p.3-7, 2014.

VÁRIOS, **Statística.** Number of pet dogs in Europe (Consumer Goods & FMCG, Pets & Animal Supplies) PREMIUM. 2019. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/515010/pet-population-european-union-eu-by-animal/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

VARIS, Pila. Digital Ethnography. *In*: GEORGAKOPOULOU, Alexandra; SPILIOTI, Tereza (org.). **The Routledge Handbook of Language and Digital Communication.** Londres: Routledge, 2016. p.55-68.

WALSH, Froma. Human-animal bonds I: the relational significance of companion animals. **Family Process**, n.8, v.4, p.462-480, 2009.

WELLE, Kenneth R. Behavior Classes in Veterinary Hospital: Preventing Problems Before They Start. *In*: LUESCHER, A. U. (org.). **Manual of Parrot Behavior.** Nova Iorque: Blackwell Publishing, 2006. p.165-175.

Recebido em 07/10/2020.

Aprovado em 08/11/2020.